



Data: 16.09.2016

Título: Ruggero Deodato. "Não gosto de filmes de terror"

Pub:

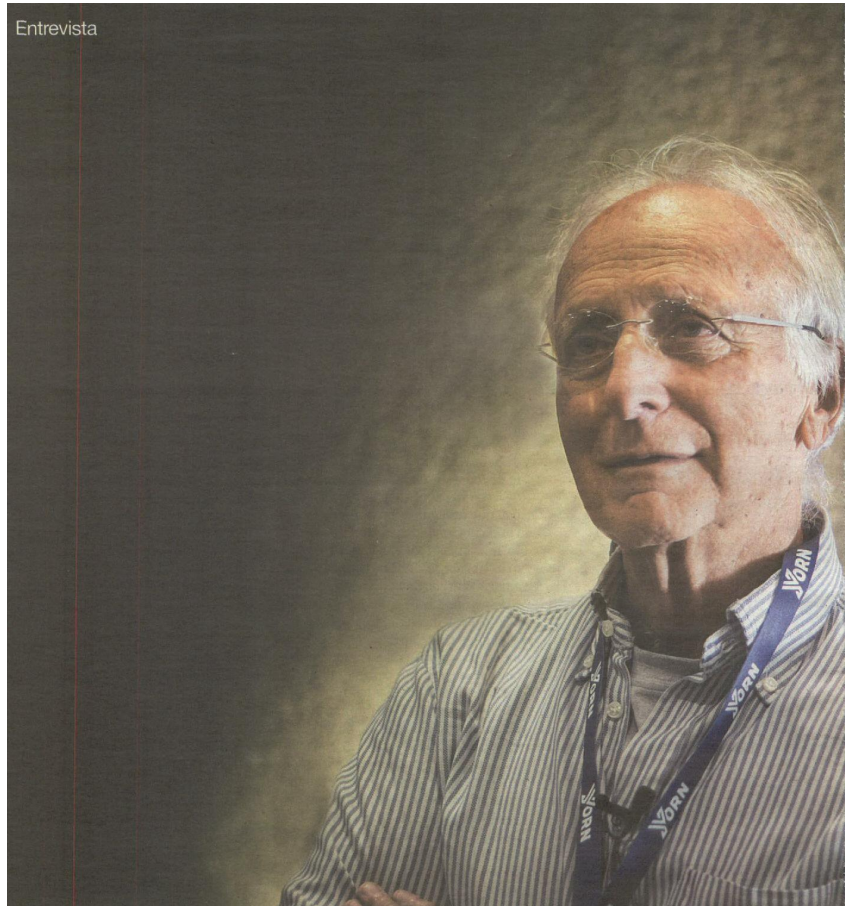


Tipo: Jornal Nacional Diário



Secção: Cultura

Pág: 32/33



Entrevista

Ruggero Deodato. "Não gosto de filmes de terror"

A carreira do realizador italiano foi muitas outras coisas mas é "Holocausto Canibal", filme pelo qual esteve detido e que o levou a tribunal, o maior de todos os seus títulos. Esteve em Lisboa a apresentá-lo, no MoteLX, pretexto que não podia ser desperdiçado, como prova esta conversa

CLÁUDIA SOBRAL
claudia.sobral@ionline.pt

Quatro entrevistas de seguida sem intervalo e sobre o mesmo assunto não são mal que se deseje a ninguém, muito menos a alguém com 77 anos que já carrega o peso de ter reinventado o cinema de terror sem sequer, ao que parece, gostar de filmes de terror. Afirmção que parece completamente desprovida de sentido mas que Ruggero Deodato há de justificar com uma história de desgosto amoroso. Coisa que só fica bem a um homem que começou no cinema com, nem mais nem menos do que Roberto Rossellini, e que correu tudo o que havia para correr no que a géneros cinematográficos diz respeito para chegar a esta idade e nos receber a uma mesa do café do São Jorge como o realizador de "Holocausto Canibal", início de conversa atrasado para mais um autógrafa num folheto do MoteLX que o trouxe a Lisboa. "Acho que aqui em Portugal as pessoas não gostam muito do meu filme, nos outros países costumam pedir-me os autógrafos em DVDs ou em posters", diz num tom tudo menos acusatório. "Tiago não leva 'h'?" É que a Ruggero Deodato agrada pouco o inglês, espanhol está ótimo, isso e francês, e português, só se for do Brasil - afinal foi na

Amazónia que rodou "Holocausto Canibal" e isso importa, ainda que tenha sido na parte Colombiana. Tudo isto só podia dar uma entrevista em quatro línguas como foi esta. "Agora, comece com uma pergunta diferente daquela com que todos começaram."

Vou tentar. Estava a dizer que aqui em Portugal as pessoas não veem o seu filme. Mas sabia que há cá uma banda chamada Holocausto Canibal?

Tem a certeza?

Sim, eu conheço-os.

Ah, isto são perguntas novas! *Je pense* que ela é muito fã do "Holocausto". Sim, também existe uma em Itália e outra na América.

Este seu filme é frequentemente citado pela influência que teve mesmo fora do cinema. Na música, por exemplo, são várias as bandas que o usam como referência. Conhece o género, o grindcore? Não ouvi os portugueses, mas já ouvi o som deles, o género. Mas não sei. Eu já sou velho.

Como surgiu a ideia para este filme, altamente controverso na época?
L'idea di fare il film?

Sim.

Lá está outra vez a mesma pergunta. Como é que faço isto diferente? [Pausa]

Área: 1238cm²/ 71%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5500600



Data: 16.09.2016

Titulo: Ruggero Deodato. "Não gosto de filmes de terror"

Pub:

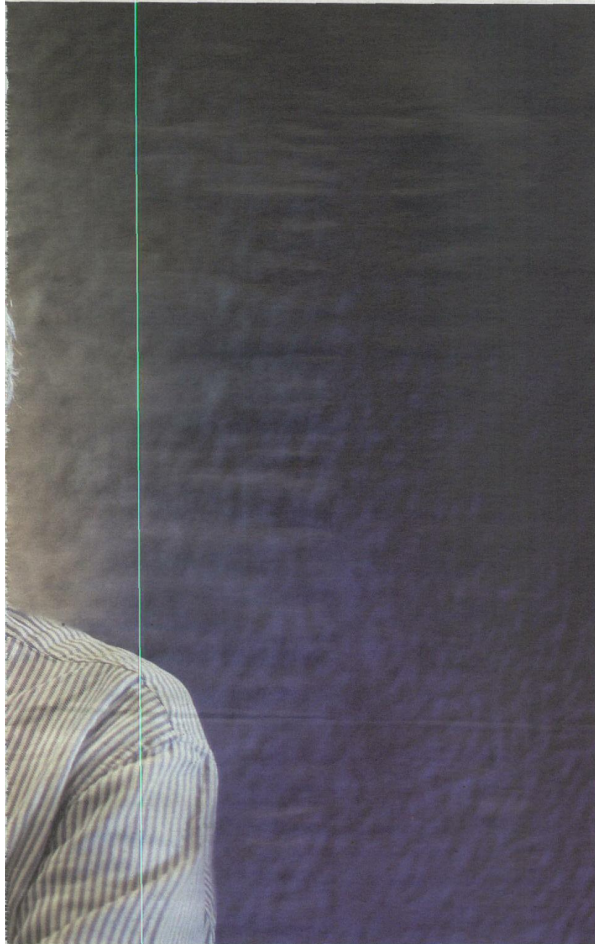


Tipo: Jornal Nacional Diário



Secção: Cultura

Pág: 32;33



Área: 1238cm²/ 71%

Tiragem: 16.000

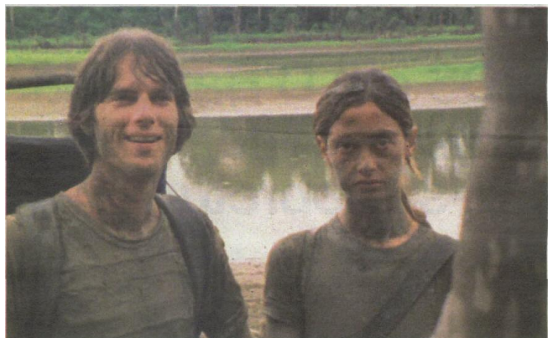
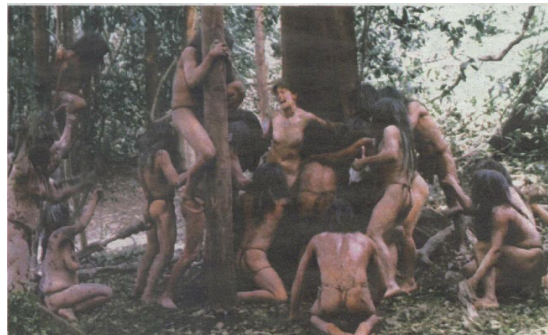
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5500600

O realizador italiano esteve em Lisboa a apresentar o seu "Holocausto Canibal", filme de 1980 que conta a história de uma equipa de documentário desaparecida na Amazônia. Depois do desaparecimento, um antropólogo vai procurá-los e encontra filmagens que revelam o seu destino

VANessa NUNES/AUTELX 2016



O que foi "Holocausto Canibal" em 1980? "Foi como se aparecesse agora um dinossauro numa praça em Lisboa"

"Mudou a cultura dos jovens e o cinema mudou. A minha filha não quer ver filmes. Nada"

Tenho que mudar... Já sei. Eu tinha uma esposa, a esposa foi-se embora, deixando-me sozinho em casa. Tinha acabado de regressar da Martinica (já estava a falar em italiano, desculpe), it was the day after Christmas, Santo Estêvão, e ela deixou-me com o meu filho de sete anos. Tinha voltado há dois dias e o meu filho chorava, eu chorava, estava com um problema porque o meu filho chorava o dia inteiro: chorava porque a mãe se tinha ido embora, chorava porque não queria ir para a escola. Fiz de tudo, mas ele chorava até a ver televisão, porque havia um problema de terrorismo naquela altura em Itália, com as Brigadas Vermelhas, e o meu filho chorava: "Papá, o que é isto na televisão?" Desliguei a televisão, mudei-o de escola, mas fiquei a pensar: "Porquê? Por que é que os jornalistas e a televisão mostram estas coisas a estas horas?" Inventei esta história com os canibais e os quatro documentaristas [que desapareceram na Amazônia e cujas filmagens, que revelam o destino que tiveram, são mais tarde encontradas por um antropólogo que vai à sua procura]. Mal o filme chegou a Itália, foi detido e teve que prestar depoimento em tribunal para provar que não tinha matado animais - nem atores - na rodagem.

Os anos 80 não eram como agora. As pessoas não sabiam nada, não sabiam se a Sicília era uma ilha ou o quê. Os americanos diziam, "Vais a Paris? Cuidado com a cólera!" Os anos 80 eram isto, é impressionante. Era como se agora aparecesse um dinossauro numa praça em Lisboa. Foi como a famosa história do Orson Welles. Os jornalistas, odeio-os. Vi hoje repetir-se uma história que já aconteceu em Itália, um acidente de comboio que matou quatro pessoas, e os jornalistas vão ter com as pessoas: "O que é que acha? O que é que está a sentir?" Odeio jornalistas. Tem toda a razão. É terrível. "O que é que sente agora que está sem braço?" Estava a falar de como as coisas eram nos anos 80. O que acha do cinema de terror que se faz hoje? Eu não gosto de filmes de terror. Os meus filmes são realistas, odeio fantasmas, monstros, zombies. (Também odeio zombies.) E depois as pessoas dizem "ah mas você é um realizador de filmes de terror". OK. Mas interessa-me o drama, e a comédia. Quais são os seus realizadores vivos favoritos? Ridley Scott, [Steven] Spielberg... Há muitos. Não me convidem é para ir ao cinema ver uma comédia. Na televisão

sim, no cinema, não. Convidem-me para ir ver filmes com sangue. Mas sem zombies, nem monstros, nem fantástico. De "Os Bárbaros" [um filme seu de 1987] já gosto. Foi este género que o popularizou, mas começou no cinema num registo completamente diferente, como assistente de Rossellini. O cinema italiano mudou muito desde então. Porquê? Ah sim! [Sorri] Era diferente porque havia uma cultura diferente. Quando tinha 18 anos, não ia a discotecas, ia à Via Veneto [em Roma], que era como ir a um set. Entrava-se num bar e estavam todos lá: [Alberto] Moravia, Pasolini... Noutro estavam os atores, noutro os atores que tinham vindo visitar Roma, porque Roma nesses tempos era incrível. Eu bebi isto tudo. Agora, se perguntar a um jovem italiano se conhece Mastroianni... Você conhece Mastroianni? Sim. Do Fellini. Os jovens não conhecem Fellini, [Luchino] Visconti. Mudou a cultura dos jovens e o cinema mudou. A minha filha não quer ver filmes. Nada. Não quer ver nada. Para mim, é terrível. Bom, parece que temos que terminar... já estão aqui à espera para a próxima entrevista. Maledetto!